

AS GRAVURAS RUPESTRES DA REGIÃO OESTE DO RIO GRANDE DO NORTE

Valdeci dos Santos Júnior

RESUMO

Neste artigo serão discutidas as principais técnicas de execução de registros gravados, suas temáticas e suportes rochosos utilizados na região oeste do Rio Grande do Norte, com o objetivo de trazer conhecimentos que permitam auxiliar na busca de possíveis identidades gráficas locais.

PALAVRAS-CHAVE: Registros rupestres, Técnicas de execução, Simbolismo

ABSTRACT

This article discusses the principal execution techniques of engraved rock art, themes and petrogenetic supports used in the western region of Rio Grande do Norte, with the goal of broadening our ability to identify local graphic identities.

KEYWORDS: Rock art, Execution techniques, Symbolism

INTRODUÇÃO

O Estado do Rio Grande do Norte possui atualmente (2009) 174 sítios arqueológicos registrados oficialmente no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Além desses sítios, mais 171, ainda não estudados, foram catalogados pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – NEA – UERN e estão em fase de registro no IPHAN, perfazendo um total de 345 sítios arqueológicos.

Uma parte desses sítios está situada na região oeste e apresenta registros rupestres com duas categorias de manifestação do fenômeno gráfico: pintados e gravados. Eles testemunham a passagem de grupos humanos pré-históricos na chapada do Apodi, entre o vale do Jaguaribe, no Ceará, e o vale do Assu, na região central do Rio Grande do Norte. Embora o sítio arqueológico mais conhecido da região, o Lajedo do Soledade, seja composto predominantemente por painéis com registros pintados, a técnica de elaboração dos registros gráficos, na maior parte dos sítios dessa região, é de registros gravados.

Os estudos contemporâneos sobre a arte rupestre no nordeste brasileiro tentam, em última instância, segregar identidades gráficas, regionais ou locais, através da elaboração de perfis gráficos comparáveis entre a crono-estilística e o registro arqueológico¹. Isto permite obter respostas mais concretas sobre o modo de vida e a complexidade social dos grupos pré-históricos que habitaram essa região durante milhares de anos.

AS TÉCNICAS DE EXECUÇÃO DOS REGISTROS GRAVADOS

Na análise das técnicas de execução, devem ser considerados, preliminarmente, o tipo de suporte escolhido e sua posição no contexto geo-ambiental, os instrumentos utilizados para gravar, as sequências gestuais e posturais adotados e o conjunto de conhecimentos técnicos desenvolvidos pelo grupo (Pessis, 2002). A observação atenta dessas premissas pode trazer informações importantes sobre processos regionais e locais adotados na escolha dessas técnicas de execução.

Os registros gravados são predominantes na região oeste e foram elaborados através das seguintes técnicas de execução: raspagens simples, picotagem com

percussão direta², picotagem com percussão indireta³ e picotagem com posterior polimento (abrasão).

A técnica da raspagem simples é oriunda de um gesto que aplica contato superficial entre dois corpos, em sentido unidirecional ou bidirecional. Isto é, a mão que empunha o instrumento abrasivo executa movimentos num único sentido ou em dois (ida e volta). Essa ação deixa visíveis irregularidades nas bordas e no interior dos sulcos, oriundas da textura natural da rocha ou de percussão, quando precedida por esta. Além de ser pouco repetitivo, demanda pouco tempo de trabalho e é executado através de contato direto de duas superfícies de atrito (Valle, 2003).

Essa técnica de execução foi realizada, predominantemente, em lajedos graníticos rentes ao solo ou em formações rochosas (graníticas ou calcáreas) próximas a olhos d'água, localizados às margens de pequenos riachos, com ranhuras superficiais na rocha – em baixo relevo e com pouca profundidade de penetração (entre 1 a 3 mm em média). Quase todos os grafismos foram elaborados com traços retilíneos ou curvilíneos, formando composições ou não, com contornos simples. Há grafismos não reconhecíveis⁴ em forma de circunferências, quadrados, retângulos, tridígitos e linhas paralelas horizontais ou oblíquas.

O preenchimento das gravuras com essa técnica quase sempre está limitado aos contornos fechados dos símbolos elaborados, em movimentos unidirecionais ou bidirecionais. Não houve uma preocupação em preencher através de raspagens ou por percussão direta a superfície dos espaços internos das criações. O preenchimento completo dos espaços internos desses grafismos aparece somente em raras imagens (figura 1) ou de forma alternada (figura 2).

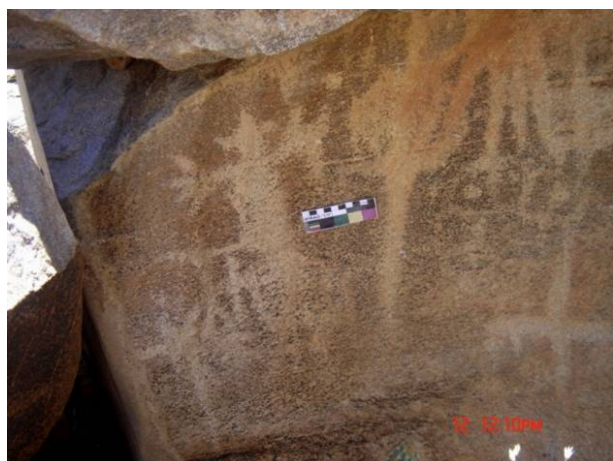


Figura 1: Rupestres do sítio Cachoeira dos Letreiros, Campo Grande, RN. Preenchimento dos espaços Internos.



Figura 2: Rupestres do sítio Poço dos Letreiros, Itaú, RN. Alternância no preenchimento dos espaços internos.

A técnica da picotagem com percussão direta abrange posturas corporais na manufatura das gravuras em que o traço é obtido por uma série de pequenos impactos contínuos na superfície rochosa, feitos com um instrumento (percutor) com ponta arredondada ou não (Pessis, 2002). Em alguns casos poderia também ter sido utilizado um segundo instrumento, que corresponderia a um elemento intermediário entre o percutor e a rocha (suporte) para permitir uma melhor definição das linhas mais finas (com percussão indireta). Naturalmente esses instrumentos de trabalho deveriam ter um grau de dureza igual ou superior ao suporte utilizado (Etchervane, 2007). Essa técnica, em comparação com a raspagem simples, provavelmente deveria demandar mais energia e tempo do autor, levando em consideração fatores climáticos, posturais gestuais, instrumentos e suportes utilizados (aspectos geológicos e localização espacial), assim como a tipologia e as dimensões dos grafismos elaborados.

Na região oeste, essa técnica foi bastante utilizada, principalmente, na criação de grafismos em conjunto com cúpules⁵ em série (figura 3) ou conjugados com outros rupestres, tais como círculos concêntricos, radiados ou não. Nesses casos, a picotagem desse tipo de grafismo aparece como pontos centrais dos círculos (figura 4), ou simplesmente isolados. Na realização desses cúpules, seria necessária a utilização de um instrumento “com bordo ligeiramente convexo, que possuísse um apêndice como elemento preênsil, de modo a permitir a rotação sobre um mesmo ponto, desgastando a rocha por abrasão” (Etchervane, 2007).



Figura 3: Rupestres do sítio Santa Maria, Campo Grande, RN. Cúpules em série.



Figura 4: Rupestres do sítio Pedra Pintada, Caraúbas, RN. Círculos concêntricos radiados. Cúpule no centro.

Um detalhe importante, relacionado à cúpules, é a sua intencionalidade pelo autor que pode conter diversos significados enquanto representação rupestre⁶ em forma de abstração. Mas também em alguns casos poderia ser fruto de uma utilidade prática que nada tem a ver com o mundo das ideias, como por exemplo, a confecção e o afiamento das lâminas (gumes). Geralmente o afiamento desses gumes deixa marcas longilíneas, mas não se deve descartar a hipótese de existir técnicas de confecção de lâminas de machados polidos em suportes rochosos ainda desconhecidos (figura 5).



Figura 5: Sítio Papagaio II, Santana do Matos, RN. Gravuras rupestres ou depressões resultantes de técnica ainda desconhecida de confecção de material lítico?

A técnica da picotagem com posterior polimento interno nas concavidades dos registros abrange os mesmos procedimentos da picotagem (com percussão direta ou indireta), sendo acrescentados movimentos extras multidirecionais, no interior dos sulcos realizados, com elementos abrasivos (como areia e água), deixando marcas mais profundas. Essas marcas, “quando mais estreitas, requereram um cinzel, obtido com uma simples lasca de pedra ou um instrumento de gume estreito. As marcas mais rugosas podem ter sido posteriormente polidas, esfregando-se nelas uma pedra abrasiva” (Jorge, Prous e Ribeiro, 2007).

Os suportes verticais (formações rochosas laterais situadas às margens de pequenos riachos) parecem ter sido a escolha preferencial. Essa técnica aparece na região oeste em alguns grafismos figurativos, tendo como exemplos, representações morfológicas assemelhadas com lagartos (figura 6).



Figura 6: Rupestres do sítio Pedra Pintada, Caraúbas, RN. Técnica de picotagem com posterior polimento aplicada em grafismos figurativos.

AS QUESTÕES DE ESPAÇO E AS TEMÁTICAS REPRESENTADAS.

Na maioria dos sítios arqueológicos com registros gravados da região oeste, não foi respeitada uma delimitação ordenada de espaço entre os registros, ocorrendo

frequentemente, as sobreposições. Elas acontecem de forma repetitiva, tendo como suportes pequenas formações rochosas semi-esféricas, situadas às margens de cursos d'água. Ou então, efetuadas rente ao solo, em lajedos graníticos. As dimensões das gravuras superam frequentemente os 15 cm, atingindo até 1,5 m. Normalmente é utilizado um plano horizontal ou em conformidade à sombra propiciada, no período matutino ou vespertino, por rochas próximas mais altas. Essa peculiaridade foi observada no sítio arqueológico da Pedra do Anjinho, no município de Campo Grande – RN, onde a concentração dos painéis com os grafismos gravados estão em setores diretamente protegidos dos raios solares nos dois períodos do dia (figura 7). São comuns as sobreposições (figura 8).



Figura 7: Sítio Pedra do Anjinho, Campo Grande, RN. Espaços internos protegidos dos raios solares.



Figura 8: Sítio Pedra do Anjinho, Campo Grande, RN. Sobreposições de grafismos.

A elaboração desses grafismos (se tiverem sido realizados no período diurno), nesse sítio, em espaços protegidos diretamente dos raios solares pelas rochas, pode ter provocado um dispêndio menor de energia dos autores em comparação à elaboração em espaços não protegidos diretamente dos raios solares.

A raspagem dos espaços internos dos grafismos normalmente não acontece, permanecendo apenas os traços geométricos de contornos simples, fechados (figura 9) ou semi-abertos, que delimitam os símbolos representados. O preenchimento com a técnica de raspagem completa do espaço interno ocorre em raras ocasiões, geralmente com motivos figurativos ou partes desses motivos (pés e mãos).



Figura 9: Rupestres do Sítio Pedra do Serrotão de Cima, Upanema, RN. Grafismo com contorno fechado.

A altura e a distribuição espacial dos grafismos variam de acordo com o suporte escolhido. Nos suportes verticais observa-se um respeito maior à regra da distância entre os grafismos, com a ocupação de outros espaços e evitando-se a sobreposição. Geralmente a altura de início da elaboração dos grafismos é superior a 50 centímetros (em relação ao solo atual). A altura dos registros gravados pode chegar a 4,7 metros (figura 10) como é o caso da Pedra do Serrotão de Cima, em Upanema. Nos suportes horizontais (rentes ao solo), geralmente não foram respeitados os espaços entre os grafismos sendo frequentes as sobreposições dos painéis (figura 11).



Figura 10: Suporte rochoso do sítio Pedra do Serrotão de Cima, Upanema, RN.

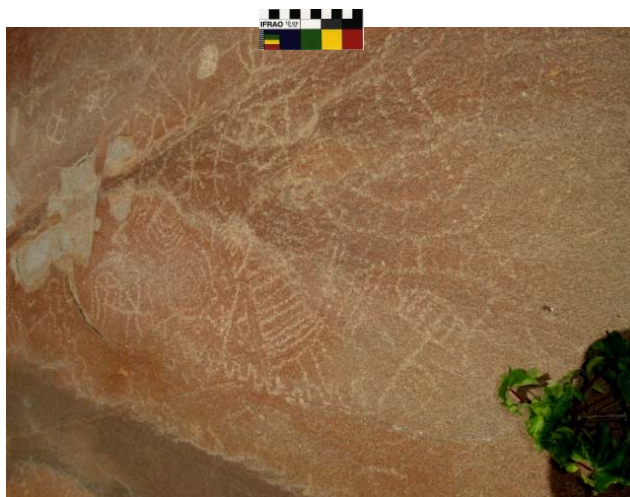


Figura 11: Rupestres do sítio Jatobá, Patu, RN. Sobreposições dos painéis gráficos.

As temáticas utilizadas nos registros gravados direcionam-se, predominantemente, para a elaboração de grafismos não reconhecíveis, com raras

criações voltadas para grafismos figurativos como zoomorfos e antropomorfos esquemáticos ou mãos e pés. Os traços geométricos mais utilizados nesses grafismos são os círculos, cúpules, retas entrecortadas, círculos cortados por pequenas retas (concêntricos radiados), tridígitos, retângulos e traços retilíneos. A interação espacial entre os grafismos não reconhecíveis e os grafismos figurativos não apresenta padrões de recorrência, podendo aparecer associados ou, por vezes, mantendo espaços isolados entre eles.

Os grafismos figurativos aparecem em menor número, compostos por zoomorfos e antropomorfos, elaborados quase sempre de forma esquemática, com delineamento fechado dos traços elementares, tais como, braços, pernas, tronco e cabeça. Esses traços simples são compostos normalmente por retas entrecortadas, efetuados com raspagem simples, tentando caracterizar as representações humanas (figura 12) ou de animais. Raramente aparece a representação do elemento fálico. Em nenhum desses grafismos existem adornos culturais ou qualquer tipo de vestuário. Em poucos casos, as representações antropomórficas aparecem de forma mais clara, com contornos bem definidos, preenchimento interno e não deixando dúvidas quanto a sua elaboração (figura 13). Nessas ocasiões, os seus posicionamentos apresentam-se, geralmente, destacados dos demais grafismos do painel, evidenciando assim a busca da segregação espacial em relação aos demais registros gravados. Outro fator importante nessas representações são as alterações nos planos, ora de forma horizontal, ora de forma oblíqua.



Figura 12: Rupestres do sítio Cachoeira dos Desenhos, Campo Grande, RN. Antropomorfo esquemático.



Figura 13: Rupestres do sítio Pedra do Serrotão de Cima, Upanema, RN. Antropomorfo isolado.

Em nenhum painel da região oeste foi observada a existência de antropomorfos em série. Sua presença sempre ocorre de forma isolada, com dimensões variando entre 15 a 20 cm. Na apresentação gráfica⁷ desses antropomorfos, na elaboração de formas assemelhadas aos dedos das mãos ou dos pés, são evidenciados cinco dedos (ou mais), fato que não ocorre nos registros gravados de outras regiões do Estado, em que os dedos normalmente são retratados apenas três dedos. Uma peculiaridade que foi observada é que essas representações antropomorfas, por vezes, aparecem de forma sutil, ou seja, são elaborados somente determinados membros do corpo humano⁸, como pés, mãos e braços, e até mesmo, pegadas em série (figuras 14 e 15). Por vezes, elas aparecem também de forma isolada, ou seja, aparece somente um pé ou uma mão (figuras 16, 17 e 18) ou aparece, de forma mais rara, em duplicidade e com inversão no sentido de direção (figura 19).



Figura 14: Rupestres do sítio Poço do Letreiro, Itaú, RN. Representações de partes do corpo humano.

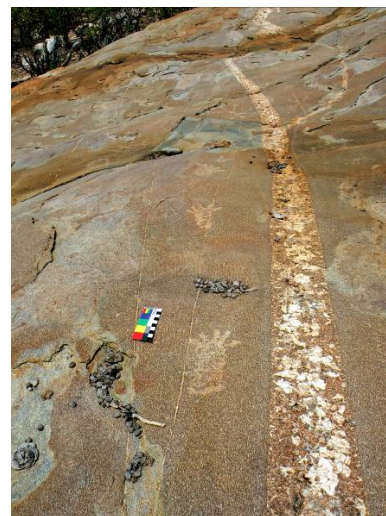


Figura 15: Rupestres do sítio Poço do Letreiro, Itaú, RN. Representações de pegadas em série.



Figura 16: Rupestres do sítio Poço do Letreiro, Itaú, RN. Representação de parte do corpo humano.



Figura 17: Rupestres do sítio Poço do Letreiro, Itaú, RN. Representação de parte do corpo humano.



Figura 18: Rupestres do sítio Santa Maria, Campo Grande, RN. Representação de parte do corpo humano.



Figura 19: Rupestres do sítio Santa Maria, Campo Grande, RN. Representação inversa de partes do corpo humano.

Esses grafismos figurativos com essas morfologias foram elaborados em suportes horizontais e verticais, localizados próximos a reservatórios de água (olhos d'água) ou pequenos riachos, com a utilização da raspagem simples e com preenchimento interno de todo o espaço que delimita o grafismo. Pode ser observada, nesse tipo de grafismo, uma equidistância em relação aos demais grafismos do painel, com espaços de inclusão e exclusão que compõem-lhe a cenografia (Pessis, 1993). Assim como entre eles próprios mantêm um espaço específico que assegura a possível intencionalidade do autor em mostrar a duplicidade (ou não) dos órgãos e manter preservada a sua integridade (a salvo de sobreposições).

Já a presença de zoomorfos, proporcionalmente, é bem mais acentuada que os

antropomorfos, principalmente os que são elaborados de forma esquemática, somente com os traços mínimos de identificação. Os animais da pequena fauna, como lagartos, por exemplo, são de longe os mais representados (figura 20). Entre as figuras de lagartos, a representação do *Tupinambis teguixim* (Teiú ou Tejo) aparece com frequência bem superior aos demais. Em menor número e de forma esporádica, aparecem as aves (figura 21), os felinos e os quelônios (figura 22). Em alguns sítios arqueológicos, existem também raras representações que apresentam semelhanças morfológicas com peixes. Outros grafismos não permitem uma identificação segura se é mesmo um zoomorfo (figura 23).



Figura 20: Rupestres do sítio Poço do Letreiro, Itaú, RN. Zoomorfo, semelhança com lagarto.

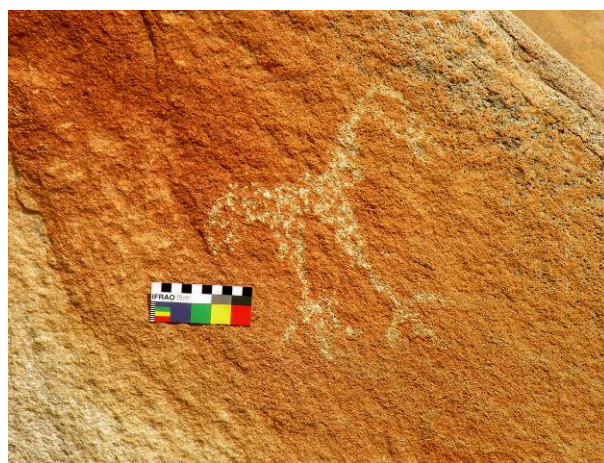


Figura 21: Rupestres do sítio Pedra do Serrotão de Cima, Upanema, RN. Zoomorfo, ave.



Figura 22: Rupestres do sítio Poço do Letreiro, Itaú, RN. Zoomorfo, semelhança com quelônio.



Figura 23: Rupestres do sítio Poço do Letreiro, Itaú, RN. Zoomorfo?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram observadas quatro técnicas de execução dos registros gravados na região oeste do Rio Grande do Norte: raspagem simples, picotagem com percussão direta, picotagem com percussão indireta e picotagem (com percussão direta ou indireta) com posterior polimento (abrasão).

A técnica de execução que aparece com maior frequência é a da raspagem simples, principalmente nos suportes rochosos graníticos rentes ao solo (conhecidos na região como lajedos). Com uma menor frequência, aparece a técnica da picotagem com percussão direta onde pôde ser observada uma preferência espacial, em termos de suporte, por formações rochosas laterais (graníticas ou calcárias) à margem de pequenos riachos ou olhos d'água. As técnicas de picotagem com percussão indireta e picotagem com posterior polimento aparecem raramente e de forma intrusiva em painéis elaborados com outras técnicas.

Quanto à análise da dimensão temática foi possível verificar uma predominância quase absoluta de grafismos não reconhecíveis, constantemente com sobreposições, e formatos geométricos compostos por traços retilíneos, circunferências, círculos radiados, cúpules e retângulos. Os grafismos figurativos aparecem em um percentual maior (em relação aos grafismos não reconhecíveis) somente nos sítios arqueológicos localizados nos municípios de Campo Grande, Caraúbas, Itaú e Upanema, com representações de antropomorfos e zoomorfos esquemáticos. Observou-se que há uma relação entre os locais de maior quantidade de motivos figurativos e a proximidade destes, ainda nos dias atuais, a reservatórios d'água naturais, os quais acumulam o líquido durante boa parte do ano (tais como olhos d'água, entroncamentos rochosos e pequenos cânions).

Outra constatação que ficou patente nas temáticas elaboradas foram as possíveis representações morfológicas de parte da fauna pretérita composta por lagartos (predominante), felinos, quelônios e aves. Essas evidências da fauna aparecem de forma mais frequente nos sítios arqueológicos com formações rochosas localizadas nas margens dos grandes rios, como são os casos do rio Apodi-Mossoró (onde aparece no sítio Poço do Letreiro, Itaú, RN) e do rio Umarí (onde aparece nos sítios Pedra do Serrotão de Cima e Serrote das Cachorras, Upanema, RN).

Outro ponto que chama a atenção são algumas representações de cenas nos painéis, fato considerado, de certa forma, raro nos registros gravados do nordeste brasileiro. Um desses exemplos pode ser observado no sítio arqueológico do Serrote das Cachorras, município de Upanema – RN, onde existe a representação de zoomorfos (figura 24) da mesma espécie. Lá, o plano mostra um zoomorfo com dimensões bem maiores que os outros dois que estão à sua volta, evidenciando uma sequência de movimento.

A análise das semelhanças e diferenças nas técnicas de execução temáticas e formas de apresentação cenográfica permitem pressupor a existência de variados grupos humanos pré-históricos na região. Estes dominavam a prática de deixar gravados em paredões rochosos, parte dos simbolismos deles. Embora haja algumas recorrências gráficas na região, nessas dimensões de análise, a percepção do contexto regional não permite falar ainda em qualquer tipo de tradição ou horizonte cultural vinculado a identidade gráfica já conhecida no nordeste brasileiro. O que se percebe são semelhanças/recorrências, nessas dimensões, em espaços restritos com dois ou três sítios, no máximo, e provavelmente elaborados por grupos locais.

O ponto chave para essa análise talvez passe pela oferta de água e pela cadeia alimentar e pelas flutuações climáticas da região em períodos pretéritos. A diminuição das precipitações pluviométricas e as variações de temperatura no Holoceno, naturalmente devem ter provocado deslocamentos sazonais dos grupos humanos que dominavam essas técnicas.. A existência desses registros gravados em formações rochosas nos leitos de pequenos tributários intermitentes do rio Apodi-Mossoró pode ser um indício dessas migrações humanas a ser constatado ou não em pesquisas futuras.



Figura 24:
Rupestres do sítio
Serrote das
Cachorras,
Upanema, RN.
Representação de
cena com
zoomorfos.

Tabela 1
Características predominantes dos registros gravados da região oeste do Rio Grande do Norte

Características predominantes dos registros gravados Oeste do Rio Grande do Norte				
Tipo	Suporte	Técnicas	Temáticas	Tradição
Gravados	Lajedos graníticos rentes ao solo	Raspagens simples Picotagem com percussão direta	Grafismos não reconhecíveis	Por definir
	Formações rochosas laterais próximas a pequenos riachos	Picotagem com percussão indireta Picotagem (percussão direta e indireta) com posterior polimento	Raros grafismos figurativos	

Valdeci dos Santos Júnior

Departamento de História, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ETCHEVARNE, C. 2007 *Escrito na pedra. Cor, forma e movimento nos grafismos rupestres da Bahia*. Rio de Janeiro: Fundação Odebrecht, Versal.
- HODDER, I. 1986 *Reading the Past - current approaches to interpretation in archaeology*. Cambridge [Cambridgeshire], New York: Cambridge University Press.
- MARCOS, J. PROUS, A. e RIBEIRO, L. 2006 *Brasil rupestre. Arte pré-histórica brasileira*. Curitiba-PR: Zencrane livros, Fotografias: Marcos Jorge. Texto: André Prous/Loredana Ribeiro.
- PROUS, A. 1992 *Arqueologia Brasileira*. Primeira edição. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília.
- PERFEITO DA SILVA, J. “Arte Rupestre: conceito e marco teórico”. En *Rupestreweb*, <http://rupestreweb.tripod.com/conceito.html>. Acesso em 22.06.2009.
- PESSIS, A. 1992 “Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-históricos do Nordeste do Brasil”. *CLIO Arqueológica*, vol. 1 (8), 35-68.
- _____. 1993 “Registros rupestres, perfil gráfico e grupo social”. *CLIO Arqueológica*, vol.1 (09), 7-14.
- _____. 2002 “Do estudo das gravuras rupestres pré-históricas no Nordeste do Brasil”. *CLIO Arqueológica*, vol.1, (15), 29-44.
- _____. 2003 *Imagens da Pré-história*. São Raimundo Nonato: Fundação Museu do Homem Americano.
- SANTOS JÚNIOR, V. 2008 “As técnicas de execução das gravuras rupestres do Rio Grande do Norte”. *FUMDHAMentos*, v.1(7), 516-528.
- VALLE, R. 2003 *Gravuras Pré-históricas da Área Arqueológica do Seridó Potiguar/Paraibano: Um Estudo Técnico e Cenográfico*. Dissertação de mestrado em História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- VAN HOEK, M. “Tacitas or cupules? an attempt at distinguishing cultural depressions at two rock art sites near Ovalle, Chile.”. En *Rupestreweb*, <http://rupestreweb.tripod.com/tacitas.html>. Acesso em 22.06.2009.

NOTAS

¹ O objetivo é observar o registro arqueológico a partir de quatro dimensões: tempo, espaço, unidade deposicional e à tipologia, para favorecer a elaboração de um contexto arqueológico mais amplo (Hodder, 1986).

² Mão-percutor-superfície rochosa.

³ Mão-percutor-formão ou ponteira ou cinzel-superfície rochosa.

⁴ Os grafismos não reconhecíveis são os registros rupestres que não permitem nenhum tipo de identificação ante a nossa realidade sensível (Pessis, 1992).

⁵ O conceito de cúpule inclui terminologias diferenciadas ao redor do mundo. No sentido arqueológico, uma das definições ressalta que decorre da retirada de massa rochosa *pelo homem de forma de não-utilitarista, com formato predominantemente circular (que ocasionalmente aparecem de forma oval), apresentando dimensões variadas de diâmetro (em média com 5 cm) e podem ser encontrados em todo o mundo* (Van Hoek, 2003).

⁶ O termo representação rupestre *se apresenta como reprodução daquilo que se pensa, ou seja, é significante da ideia de reprodução de algo que já estava na mente. Se a imagem rupestre é produto de uma "visão de mundo" socialmente compartilhada, representar, então, é rememorar aquilo que se reapresenta na mente de quem produziu essas imagens e que desperta sentido no grupo espectador. Representação, portanto, remete ao conceito de signo, e a terminologia por sua vez, em detrimento das outras terminologias citadas, implica que imagens rupestres sejam tratadas metodologicamente, também, sob a perspectiva da teoria geral dos signos, ou semiótica* (Perfeito da Silva, 2004).

⁷ A forma de apresentação gráfica dos registros rupestres é um componente fundamental no estabelecimento das classificações tipológicas (tradições). Quando elaboraram os painéis gráficos, os autores efetuaram os registros com determinados gestos e posturas de apresentação que faziam parte de seus padrões culturais: *“Esses modos de se apresentar socialmente fazem parte da cultura de cada indivíduo e são indispensáveis para que possa pertencer ao grupo. São regras do cotidiano, integradas com tanto sucesso, que são percebidas como um comportamento natural e espontâneo. A esses modelos de apresentação social agregam-se as variações individuais que não modificam o quadro geral da apresentação. São esses modos de apresentação que vão intervir nas atividades da representação gráfica”* (Pessis, 2003).

⁸ Esse nível de interpretação visual do autor baseia-se tão somente nas semelhanças morfológicas desses grafismos com alguns membros do corpo humano (se é que eram humanos) e em virtude da recorrência desses tipos de grafismos em vários sítios arqueológicos da região oeste do Rio Grande do Norte. Não é possível saber as reais intenções dos autores em relação aos significados do que estavam representando.